

## PEDRA RÍGIDA OU GRUTA ROCHOSA? (MT 16,18)

Celso Loraschi

### Resumo

*O artigo procura analisar o dito de Mt 16,18, debruçando-se especialmente sobre o sentido da palavra “pedra”, proferida por Jesus ao comissionar Pedro como líder da Igreja. Seguindo fundamentalmente o estudo de dois autores, defende a ideia de que o termo usado por Jesus, na língua aramaica, teria sido “Kefá”. Resgata, então, o significado desta palavra nos únicos textos em que ela aparece no Primeiro Testamento: Jr 4,29 e Jó 30,6. Para isso, apresenta um campo fonético-semântico ilustrativo, não só de origem hebraica, mas também de outras línguas. Entra no Segundo Testamento, enfatizando a afinidade do texto de Mateus com o de Jo 1,42, onde se encontra a única referência explícita de “Kefá” (em gr. Kêfâs, port. Cefas) nos Evangelhos. Assim, busca trazer à tona o conteúdo “escondido” dentro desta palavra, revelando a importância de abrir-se aos novos conceitos derivados de interpretações que levam em conta o contexto histórico-cultural de onde emerge um texto bíblico.*

**Palavras-chave:** “Cefas”. Pedro. Pedra. Gruta. Igreja.

### Abstract

*The paper tries to examine the saying of Mt 16,18, calling to especial attention the meaning of the word “stone”, spoken by Jesus when he commissioned Peter as leader of the Church. Following fundamentally the search of two authors, he defends the idea that the word used by Jesus, in the Aramaic language, would have been “Kefá”. He recovers, then, the meaning of this word in the only texts in which it appears, in Hebrew, in the First Testament: Jr 4:29 and Job 30:6. For that, he presents an illustrative phonetic-semantic field, not only of Hebrew origin, but also of other languages. He goes into the Second Testament, emphasizing the affinity of the text of Matthew with the one of John 1:42, where one finds the only explicit reference to “Kefá” (in Gr. Kêfâs, Port. Cefas) in the gospels. In this way, he tries to bring out to the surface the “hidden” contents inside this word, revealing the importance that we open ourselves to the new concepts deri-*

*ved from interpretations that take into account the historic-cultural context from where emerges a biblical text.*

**Keywords:** “Cephas”. Peter. Stone. Grotto. Church.

## Introdução

Um dos ditos bíblicos abundantemente discutidos ao longo da história das igrejas é o de Mt 16,18. Refere-se ao dito de Jesus sobre Pedro como decorrência da sua profissão de fé: “Eu lhe digo: você é Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha igreja”. São várias as interpretações a respeito da “pedra”: tradução comum nas bíblias da palavra grega, *pétra*. Champlin<sup>1</sup> enumera cinco interpretações, informando que existem outras, “mas todas são meras variações destas”:

1. A ‘pedra’ sobre a qual a Igreja está edificada é Pedro. 2. A ‘pedra’ é Cristo. 3. A ‘pedra’ é a confissão de Pedro sobre Cristo, aquela confissão que revelou a identidade de Cristo. 4. A ‘pedra’ é a própria revelação. A igreja está edificada sobre esta revelação. 5. A ‘pedra’ é a fé que procede da confissão; essa fé é a pedra sobre a qual a igreja foi fundada.

Cada uma destas interpretações é defendida ou questionada com sérios argumentos levantados por exegetas e por especialistas em teologia bíblica. O próprio autor, citado acima, as sintetiza em sua obra. Aqui, porém, deseja-se difundir uma compreensão relativamente nova que amplia e aprofunda o significado do termo usado por Jesus, designando a “Simão, filho de Jonas” (Mt 16,17), com o cognome de “Pedra” sobre a qual a igreja de Jesus seria edificada. Para isso, sirvo-me especialmente do estudo realizado por Souza<sup>2</sup> e por Gouvêa<sup>3</sup>.

## Em busca da origem

Sabe-se que a língua que Jesus falou foi o aramaico. A palavra aramaica que Ele teria usado para o que foi traduzido como “pedra” foi *kefá*. Um problema

1. CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. I, 4ª impressão. São Paulo: Milenium, 1983, p. 445s.

2. SOUZA, Rômulo Cândido de. *Palavra, parábola: uma aventura no mundo da linguagem*. Aparecida: Santuário, 1990, p. 236-256. Nesta obra, o autor (redentorista recentemente falecido, em 03/07/16) analisa diversos vocábulos bíblicos com o objetivo de “trazer à tona a riqueza escondida nos mesmos..., colocando as palavras no seu contexto e examinando-as sob vários enfoques: etimológico, onomatopaico, simbólico, paleológico” (cf. orelha do livro). O livro é resultante de longas conversas com o rabino Samuel Kruglikoff, exímio conhecedor das línguas bíblicas (cf. apresentação do livro, p. X).

3. GOUVÊA, José Geraldo de. *Cefas, um abrigo necessário: uma leitura semita de Jo 1,42 e a helenização do Novo Testamento*. Uberlândia: A Partilha, 2011. Tese de mestrado defendida na Pontificia Università S. Tommaso d’Aquino Largo Angelicum, Roma, 2005.

sério que os estudiosos da Bíblia encontram refere-se às palavras, quando traduzidas, se realmente expressam o verdadeiro sentido da língua original. Gouvêa alerta para a atenção que se deve ter à etimologia de cada vocábulo:

Cada palavra que utilizamos no nosso dia a dia tem uma história, uma origem e uma evolução, aquilo que chamamos de etimologia. Acontece, porém, que muitas vezes desconhecemos tal história, o que significa, em termos práticos, o empobrecimento ou até mesmo a compreensão equivocada de certos conceitos<sup>4</sup>.

No caso de Mt 16,18, o termo grego *pétra* consegue expressar adequadamente o significado do termo aramaico *kefá*? O Primeiro Testamento hebraico cita apenas duas vezes esta palavra: em Jr 4,29 e Jó 30,6. Em Jeremias encontra-se no contexto de ameaça de invasão dos babilônios em Jerusalém. As consequências foram desastrosas. “Com o grito dos cavaleiros e arqueiros, a cidade inteira fugiu. Entraram mato adentro e escalaram os rochedos (*kefim*: plural de *Kef*, aqui e em Jó 30,6 com o sentido de rochedo, segundo Schökel<sup>5</sup>)...”. Encontram-se pequenas variantes nas diversas traduções bíblicas: rochedos (Nova Bíblia Pastoral, TEB e Ave-Maria), rochas (Bíblia de Jerusalém e do Peregrino), penhascos (João Ferreira de Almeida), pedreiras (tradução da CNBB). Souza, em sua obra, traduz por grutas. Explica sua opção, sugerindo o exame de um bom dicionário etimológico: “A palavra ‘*Kefas*’ em aramaico e hebreu não significa simplesmente ‘Pedra’ ou ‘Rochedo’. Significa uma *Gruta formada na rocha*, uma *Gruta rochosa*, um Rochedo escavado e abobadado”<sup>6</sup>.

A tradução encontrada nas bíblias da segunda citação da palavra *kefim* (Jó 30,6) revela mais explicitamente o sentido acolhido por Souza. Jó lamenta-se de sua situação calamitosa, semelhante à dos habitantes enxotados de uma cidade, desolados pela fome e pela miséria, morando “em barrancos de rios, em cavernas da terra e dos rochedos (*kefim*)”. Assim traduzem a Nova Bíblia Pastoral, a Ave-Maria (edição de estudos) e a CNBB. A TEB, João Ferreira de Almeida e a Bíblia do Peregrino traduzem *kefim* por cavernas, “o lugar onde se refugiavam os ‘homens sem nome’, na descrição de Jó, e possivelmente ele próprio, já que no caso de sua enfermidade era previsto em Lv 13,46, um refúgio fora da comunidade”<sup>7</sup>.

4. GOUVÊA, p. 44.

5. SCHÖKEL, Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, Paulus, 1997, p. 324.

6. SOUZA, p. 237 (destaque em maiúsculas do autor do livro).

7. GOUVÊA, p. 51.

O termo, portanto, indica não apenas o sentido de rocha maciça, mas de espaço acolhedor dentro de uma rocha. A Septuaginta preserva este significado traduzindo a palavra em Jó por *trôglai petrôn* (cavidade das rochas ou cavernas) e em Jeremias por *spelaia* (grutas ou cavernas). Como derivação destas duas palavras gregas (*trôgle* e *spelaion*), na língua portuguesa são conhecidos os termos “troglodita” e “espelunca”; fazem lembrar os habitantes nas grutas rochosas e outros espaços extremamente pobres.

Não obstante as dificuldades que existem para se fazer uma tradução, no caso da palavra *kefá*, é interessante notar que o termo grego dos LXX (nas duas ocorrências que temos no Antigo Testamento) manteve sempre a ideia fundamental desta palavra que é de refúgio, caverna, esconderijo<sup>8</sup>.

### ***Kefá* em seu campo semântico**

Para designar “pedra maciça” a língua hebraica possui outros termos, como *tsur* e *séla*. Na língua grega, os evangelistas usam *lithos* e *pétra* para designar o sentido genérico de pedra. A palavra *kef*, em sua etimologia e fonética, sugere outro significado. Souza oferece um campo fonético-semântico bem ilustrativo<sup>9</sup>:

- \* KAF: palma da mão, cavidade da mão, côncavo, vaso, curso, cavo
- \* KAFAR: cobrir, encobrir, perdoar
- \* KEFÔR: vaso, copo, cântaro
- \* KÔFER: piche, resina
- \* KAPÔRET: cobertura (da Arca da Aliança)
- \* KAFÁS: reunir, juntar, concentrar
- \* KAFÁSH: cobrir
- \* KAFÁR: abrigo, cobertura, teto, lugar, vilarejo
- \* KIPÁH: ramo, folha de palmeira
- \* GUÊFEN: folhagem, ramo, palma
- \* GAF: asa, penas de ave
- \* GAFÁF: encobrir, ser curvo, encurvar-se
- \* GUF: cercar, ser cavo, fundo
- \* HAFÁH: proteger, defender, velar, cobrir
- \* HAFÁ: ocultar, cobrir
- \* HOB: seio, útero, entranhas maternas, ninho, proteção, fecundar, chocar, guardar um tesouro, esconder
- \* HAFAR: escavar, furar, abrir um poço
- \* HÊFER: poço, cova, cavidade, fosso, buraco
- \* HUFÁH: abrigo, refúgio, proteção

8. Idem, p. 46.

9. SOUZA, p. 239.

Como se pode perceber, as palavras que formam o conjunto acima guardam estreita ligação com o termo *kaf*, expressando a mesma ideia básica, como esclarece o autor: “Se você prestar atenção todas elas expressam a ideia dum ‘invólucro protetor’ que cerca, encobre, defende”<sup>10</sup>. Relacionado a essa mesma ideia temos o termo *kôfer*, o piche usado para impermeabilizar móveis, protegendo-os da água e dos insetos. O livro de Gênesis informa que Noé calafetou a arca por dentro e por fora (Gn 6,14). Outro exemplo é a folha de palmeira (*kipáh*) e sua função protetora para os beduínos no calor do deserto. Gouvêa, seguindo Souza, enfatiza outra palavra muito significativa na tradição de fé judaico-cristã que é o perdão.

Um semita tem várias palavras para expressar o perdão. Uma delas é exatamente *kafar* que se pode traduzir como “encobrir os pecados”. De modo que hoje, quando nós ocidentais pronunciamos a palavra *kefá*, normalmente não temos presente toda a riqueza de seu significado etimológico<sup>11</sup>.

Em outras línguas encontram-se paralelismos, com som e significado semelhantes. Eis algumas:<sup>12</sup>

Egípcio: *Kept* (braço estendido); *Keb* (intestino, ventre, útero); *Kapt* (seio, mama); *Geb* (urna, vaso sagrado); *Kep* (mão que cobre, protege, ampara)...

Sírio: *Kpá* (cobrir, incubar os filhotes no ninho); *Kpaya* (chocar, cobrir os ovos); *Kpaká* (abraçar)...

Grego: *Skáfe* (berço); *Skafós* (navio); *Skáptos* (mina subterrânea)...

Sânscrito: *Gup* (guardar, proteger, defender); *Gopa* (protetor, guarda, pastor); *Kupa* (gruta, caverna)...

Alemão: *Geben* (dar, oferecer)...

Também no mundo extrabíblico encontra-se o termo *kefá* com o mesmo sentido de refúgio, como por exemplo: “Abrigo da cabra-montês e da águia, no Targum de Jó; proteção contra o sol que abrasa e alto penhasco por onde subiu o cordeiro, no livro aramaico de Henoce”<sup>13</sup>.

No Segundo Testamento, a palavra *Kefá* aparece explicitamente apenas uma vez nos Evangelhos (em Jo 1,42), na forma gr., *Kéfás*, no sentido de pedra, e

10. Idem, p. 240.

11. GOUVÊA, p. 48.

12. SOUZA, p. 241-242.

13. GOUVÊA, p. 56. Baseando-se em J.T. DE LIMA. Tu serás ΚΗΦΑΣ. Estudo exegetico sobre Pedro no quarto Evangelho. Roma, 1994, p. 85-86.

oito vezes por Paulo, todas designando a pessoa de Pedro. O dito joanino fala do momento em que Jesus muda o nome de Pedro, coincidindo com o de Mt 16,18.

“Não obstante as dificuldades existentes sobre o entendimento da missão e do primado de Pedro, Mateus e João não se contradizem. A questão da primazia de Pedro como líder, como ponto de referência, está presente em ambos [...]; porém, seguindo a força etimológica e a tradição semita do nome *Kefá*, podemos ver esta rocha sob um novo prisma: uma gruta escavada na rocha, capaz de oferecer abrigo, refúgio, proteger enfim, a comunidade cristã que necessita de defesa, de moradia, de um espaço comum”<sup>14</sup>.

### ***Kefas* e seu conteúdo**

Estas informações são de extrema relevância para a compreensão do conteúdo “escondido” dentro da palavra usada por Jesus ao comissionar a Pedro. É importante abrir-se aos novos conceitos derivados de interpretações que levam em conta o contexto histórico-cultural de onde emerge um texto bíblico. Como lembra Gouvêa, “uma palavra pode significar muito mais do que aquilo que imaginamos. Além do seu significado, digamos concreto, tem muitas vezes um significado simbólico, uma história por trás daqueles sinais gráficos”<sup>15</sup>. Conclui-se, então, que o

*Kefas* (= Petros) de Mateus não é uma *Rocha maciça*, onde se constrói por cima um edifício. O *Kefas* do Evangelho é uma *Gruta protetora*, escavada no *Rochedo* que cobre, protege, defende exatamente como faz a *palma da mão*, como fazem os ramos da palmeira, como fazem as *asas da ave* sobre os filhotes e sobre o ninho, como fez o *piche* da *arca de Noé*<sup>16</sup>.

Jesus viveu e exerceu seu ministério público movimentando-se numa região onde os *kefás* são abundantes. Muitos deles propiciavam refúgio para pastores, peregrinos, bandidos, pobres... Não é de todo improvável que Jesus tenha nascido numa dessas grutas. O livro apócrifo *Evangelho Árabe da Infância* narra: “Quando estavam próximos a uma caverna, Maria disse a José que sua hora havia chegado e que não poderia ir até a cidade, ‘mas, disse ela, entremos nesta caverna’...”<sup>17</sup>. A este respeito, escreve Champlin: “Aquela área, que estava repleta de cavernas, nas pedras calcárias da Judeia, dá foros de probabilidade a essa tradi-

14. Idem, p. 61s.

15. Idem, p. 42.

16. SOUZA, p. 240.

17. Cf. PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte editorial, 2005, p. 451.

ção”<sup>18</sup>. Assim, tendo grutas rochosas em grande quantidade, não é improvável que Jesus, ao dialogar com Pedro, tenha apontado na direção de uma delas.

O episódio se dá no território de Cesareia de Filipe, conforme atesta o Evangelho de Mateus. A cidade está situada a mais de 30km ao norte do Mar da Galileia, ao pé do Monte Hermon, no qual existem diversas cavernas. Uma delas tornou-se um centro de culto ao deus Pan, considerado o protetor dos rebanhos e pastores.

Mas, neste lugar, é reconhecido um pastor muito diferente. Aquele que pastoreia/governa meu povo Israel (ver Mt 2,6), que tem compaixão das multidões como ovelhas sem pastor (9,36; Ez 34), que é enviado para as ovelhas perdidas de Israel (15,24) e que envia os seus discípulos em uma missão similar (10,6), o filho do pastor Davi que manifesta o reinado de Deus entre os marginais (9,27; 12,23; 15,22) é reconhecido novamente como o agente comissionado de Deus<sup>19</sup>.

### “Sobre” ou “dentro”?

Acolhendo as lições esclarecedoras que transmite Souza a partir de suas entrevistas com o rabino Samuel Kruglikoff, surge conseqüentemente uma pergunta relacionada ao texto de Mateus: se, de fato, a palavra aramaica *Kefá*, usada por Jesus, refere-se à “gruta dentro do rochedo”, não seria lógico continuar: “... e dentro deste *kefá* construirei a minha Igreja”? No entanto, lê-se: “e sobre esta pedra”.

Para responder a esta pergunta o autor resgata o conceito de Igreja (*Ekklesia*), assembleia, na concepção hebraica, grega e romana. A identidade do povo judeu em sua tradição de fé manteve-se viva através das frequentes assembleias (*qahal*), realizadas em nome de Yhwh. Nas cidades greco-romanas, a *ekklesia* era formada por cidadãos, pessoas livres, com plenos direitos de decidir sobre assuntos de interesse comum. Etimologicamente é derivada do prefixo *ek* (para fora) e o verbo *kaleo* (chamar). Igreja, portanto, não é um edifício; é formada por pessoas que se reúnem convocadas em vista de objetivos comuns. As pessoas-igreja, no cristianismo primitivo, reuniam-se nas casas, muito valorizadas, especialmente por Paulo. Foram determinantes para manter viva a memória de Jesus de Nazaré e difundi-la para o mundo.

O verbo “construir”, derivado de *banah* em hebraico, não se refere apenas levantar uma construção material, mas também “gerar filhos, criar, ter uma des-

18. CHAMPLIN, Russel N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol II, 4ª impressão. São Paulo: Milenium, 1983, p. 30.

19. CARTER, W. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Col. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 2002, p. 421.

condência, fundar uma família”<sup>20</sup>, sendo este, sem dúvida, o sentido aplicado pelo evangelista Mateus.

Com estas explicações percebe-se a coerência com o significado do termo *kefas*, conforme explicitado acima. No hebraico usa-se o termo ‘*al* para designar “sobre, em cima”, mas também significa: “diante de, em, no...”<sup>21</sup>. Pode-se, então, concluir que Jesus, expressando-se em aramaico, usa a palavra *kefá* com o sentido de “gruta na rocha”, dentro da qual gera filhos, suscita descendência, funda a sua família, a Igreja.

Esta compreensão de *Kefá-gruta rochosa-Igreja* de Mt 16,18-19 encontra uma afinidade lógica com outro texto que o próprio Mateus apresenta em 18,15-20. A comunidade reunida em nome de Jesus torna-se lugar democrático, participativo, de mútua acolhida, de diálogo, de correção fraterna, de reconciliação e fraternidade. Em meio a conflitos de toda espécie, os primeiros cristãos, muitos deles empobrecidos, encontravam na *ekklesia* o abrigo e a proteção necessários para a própria sobrevivência e para permanecerem fiéis no seguimento de Jesus. “Pedro surge então tanto como fundamento e como tipo de *ekklesia* e da autoridade que a esta foi transmitida, autoridade essa emanada de Jesus. Pedro se compreende como garantidor da doutrina e da prática corretas, justamente em vista de sua profissão de fé”<sup>22</sup>.

*Celso Loraschi*

Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524  
88040-001 Florianópolis, SC  
loraschi@facasc.edu.br

20. SOUZA, p. 248.

21. Idem, p. 248.

22. BLANK, Josef. A tipologia e o ministério de Pedro no NT. Revista *Concilium*. Vozes: São Paulo, 1973/3, p. 299.